

MÁSCARAS

MASKS

ERINALDO SALES¹⁰

RESUMO Este texto faz uma breve reflexão sobre o uso das máscaras durante a pandemia, bem como faz algumas considerações sobre as máscaras sócias.

Palavras-chave: máscaras, pandemia

ABSTRACT *This text makes a brief reflection on the use of masks during the pandemic, as well as some considerations about partner masks.*

Keywords: *masks, pandemic*

Uma máscara é um rosto que a imaginação dá a um deus.¹¹

Acessório usado primordialmente para cobrir o rosto, as máscaras têm sido usadas ao longo da história para os mais variados fins. O termo tem origem, em algumas fontes, no latim, *mascus*, ou *masca*, significando “fantasma”; noutras fontes, a palavra vem do árabe, *maskharah*, “palhaço” ou “bufão”. Seja qual for a origem, a ideia é de disfarçar quem a usa.

Há inúmeros usos das máscaras, a depender do objetivo e do tipo: elas eram usadas para afastar os maus espíritos na China; na Grécia e no Egito antigo, iam nos rostos dos falecidos porque esses povos tinham a crença da passagem da alma para a vida eterna. Outros usos das máscaras também são vistos ao longo dos tempos: Utilizadas para venerar deuses, curar nos cultos iniciáticos, manter a autoridade coletiva e costumes sociais¹², bem como servir às artes, por meio do drama e da comédia na Grécia antiga. Ve-

mos, assim, que as máscaras desempenham um papel mais do que simplesmente de cobrir a face com determinado fim. Elas representam as expressões psicológicas do ser humano, a sensibilidade e a profundidade do mistério da experiência humana. Não há como esquecer também dos bailes de máscaras, que deram origem ao carnaval, sobretudo o brasileiro. E nos sentimos como num baile, num momento de fantasia que beira a irrealidade, de tantos absurdos que temos presenciados no último ano. Absurdos que são reais!

Além das máscaras sociais que já usávamos, agora temos que mascarar as nossas máscaras. Além de cobrir, agora temos que esconder aquilo que disfarçávamos.

Usávamos (e ainda usamos) as máscaras das personalidades que temos a depender do nosso papel social e do nosso convívio: papel de mãe, de pai, de professor, de médico, de amigo... máscaras de heróis e/ou de vilões, mas elas sempre estão presentes, mesmo que não as vejamos. Neste caso, as máscaras são imateriais, não descartáveis. E o que fazer com as que iremos descartar?

A ONU estimou a existência de cerca de 7,79 bilhões de pessoas no planeta no ano de 2020, sem descontar aquelas “máscaras” que se perderam de lá para cá. Ainda assim, a quantidade de máscaras físicas, tão usuais agora, pelo menos triplicam se levarmos em conta que cada ‘persona’ tem ao menos três, para a troca e higienização. Usamos as máscaras sob a máscara para adentrar o mundo e desabitar, tem-

¹⁰ Doutor pela FAU-UnB em Teoria, História e Crítica, na linha de Estética e Semiótica. E-mail: erinaldosalesster@gmail.com

¹¹ MARTIN, Kathleen. O livro dos símbolos, reflexões sobre imagens arquetípicas. Taschen, 2012, p. 772.

¹² Idem.

porariamente, o nosso mundo pessoal, o nosso lar.

As máscaras, aquelas tradicionais, que a História consagrou, não estão muito diferentes daquelas que usamos para camuflar as nossas profundas experiências humanas, as nossas personalidades: *Uma máscara pode disfarçar, cobrir, velar, mentir, capturar, libertar, revelar, projectar, proteger, renegar, recordar, enganar, dissociar, encarnar e transformar*¹³. Hoje, no entanto, elas servem ao propósito quase único de nos proteger. E cada vez mais procuramos aquelas que mais protegem o rosto, e deixamos desprotegidos nossos sentimentos, nossas emoções, nossas solidariedades, nossas empatias, nossas confianças, nossas gentilezas, nossas justiças, nossas honestidades, nossos compromissos.

O recurso psicológico das máscaras nos protege de muitas situações no meio social e não nos deixa tão vulneráveis. No meio físico, no entanto, elas já não têm tanta eficácia. Por mais que tenhamos inúmeras máscaras sociais, nenhuma delas nos protege atualmente do pavor real que se espalha. Precisamos nos isolar para nos proteger. Com isso, passamos a conviver com as nossas próprias personas, e nem sempre elas são suportáveis o tempo todo.

Cabem perguntas, neste momento, que certamente já foram feitas: como a História fará o registro desse novo modelo de máscara? Qual o papel social e simbólico que ela passará a representar? Como expressar a manifestação do uso dela para a proteção da vida, sendo que, na morte, os rostos vão desnudos na nossa cultura? Se fôssemos um cidadão grego antigo, ou egípcio, com que persona adentraríamos os reinos celestiais (ou infernais)? Qual o poder simbólico que ela adquirirá? Ela ainda espantará os maus espíritos?

Estas perguntas têm muito mais respostas subjetivas.

A inconstância do momento atual não nos permite a certeza do futuro. Assim, cada um busca na máscara a criação do deus que sua imaginação permite. A esperança de um futuro melhor além do aqui e agora.

As máscaras das nossas personas estão sendo desveladas ao mostrar a nossa dor diante de tanto horror. As máscaras de proteção não nos protegem de nós mesmos, mas criam um laço de colaboração para que não nos tornemos ‘fantasmas’ nem bufões. Estes não precisam de máscaras físicas, a própria face já denuncia a monstruosidade que as máscaras de proteção pretendem esconder.

Comecei a escrever este texto em 28 de abril de 2021, quando a pandemia já contabilizava 14.339.412 casos e 390.925 óbitos, de acordo com balanço do consórcio de veículos de imprensa. O intuito inicial de redigi-lo se deu a partir de um questionamento de minha filha, numa conversa informal, sobre o fato de as pessoas terem que usar máscaras o tempo todo àquela data, e ter que trocar de máscaras regularmente, como também fazíamos. O mês de abril de 2021 se tornou o mais letal da pandemia da COVID-19 no Brasil, com 67.723 mortes confirmadas¹⁴. Desde o primeiro caso de coronavírus no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, até o mês de maio de 2022 (data em que retomei a escrita deste texto), é estimado que morreram mais de 15 milhões de pessoas no mundo inteiro, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)¹⁵. E todas essas pessoas estavam usando máscaras. Pensamos também no descarte adequado que essas máscaras teriam que ter, pois o risco de contaminação ainda era enorme, e qualquer máscara usada era um grande potencial de transmissão. Numa tentativa de reflexão, voltemos às questões elencadas acima.

Como a História fará o registro desse novo modelo

¹³ Idem.

¹⁴ <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 21 maio 2022.

¹⁵ <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581>. Acesso em: 21 maio 2022.

de máscara? Das máscaras de tecido às descartáveis, de modelos e materiais variados e até máscaras de grife, certamente as máscaras de proteção contra a Covid já estão registrada nas páginas da História, juntamente com as máscaras mortuárias desde a época dos faraós; a máscara contra a peste negra, na Europa do século 17; as máscaras de gás da Segunda Guerra Mundial; além das máscaras usadas por celebridades no século 20, para tentar um anonimato. Deixamos de fora aqui as máscaras de fantasias. As máscaras contra a Covid também escondem as preocupações de seus usuários, ao ponto de as pessoas deixarem de ser identificadas facilmente com a liberação em 2022, após quase dois anos de seu uso. As pessoas quase não se reconheceram após tanto tempo usando máscaras, agora que a obrigação acabou. Certamente, o registro da nossa aparência física ficou mais fácil neste século 21, com a profusão de aparelhos smartphones, capazes de registrar todo instante da vida da maioria das pessoas. Mas, e o registro de nossa aparência mental, psicológica?

Com a pandemia, aumentou consideravelmente a procura por clínicas e psicólogos, pois raro é quem não tenha desenvolvido um distúrbio com a pandemia. Aumentou também a procura por faculdades de psicologia, com a concorrência de vagas disputando com a medicina. Provavelmente, nunca houve tanta procura para cuidar da saúde mental quanto nos dias de hoje, além, é claro, do contínua preocupação com a saúde física, como atesta uma rápida busca por esse tipo de informação na internet:

Mais de 8 em cada 10 psicólogos que tratam de transtornos de ansiedade disseram ter visto um aumento na procura por tratamento de ansiedade desde o início da pandemia causada pela Covid-19. Ademais, a demanda por tratamento de

depressão também está alta, já que 72% dos profissionais que tratam de transtornos depressivos afirmando ter notado um aumento, em comparação com 60% em 2020.¹⁶

As máscaras sociais vão continuar, mas qual o papel social e simbólico que ela passará a representar? As máscaras sociais apresentam os papéis ou personagens que representamos em diferentes momentos da nossa vida social e representam uma garantia para nossa adaptação social. O rosto desnudo também serve para expressar as nossas emoções, nossas feições faciais. A psicologia reconhece as máscaras sociais como possibilidades para

experimentarmos o mundo de uma forma saudável, sem ficarmos reféns da desajabilidade social e perdermos a nossa identidade entre todos os outros que vão aparecendo na nossa vida.

Para além disso podemos considerar que também existem máscaras que nos ajudam a reforçar a nossa autoestima e a desenvolver as nossas potencialidades, quando, por exemplo temos de fazer de conta que estamos seguros, confiantes e à vontade num determinado papel e mais tarde essas características passam efetivamente a fazer parte da nossa identidade.¹⁷

Assim, as máscaras contra a covid podem voltar a desvelar os nossos sentimentos que ficaram escondidos nesse período de uso obrigatório, quando somente o olhar não era suficiente para mostrar os sentimentos das pessoas, principalmente os sorrisos, pois as lágrimas, mesmo com as máscaras, se mostravam, sobretudo as lágrimas de tristezas com as perdas das pessoas queridas.

Como expressar a manifestação do uso dela para a proteção da vida, sendo que, na morte, os rostos vão

¹⁶ Procura por tratamento de saúde mental continua a crescer na pandemia. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/10/20/medicina-e-saude/procura-por-tratamento-de-saude-mental-continua-a-crescer-na-pandemia/>

¹⁷ Joana Simão Valério. Máscaras sociais: que uso fazemos delas? Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_carreira.php?mascaras-sociais-que-uso-fazemos-delas&id=324#:~:text=O%20uso%20adequado%20de%20m%C3%A1scaras,v%C3%A3o%20aparecendo%20na%20nossa%20vida.

desnudos na nossa cultura? Inevitável não fazer referência aqui às máscaras mortuárias, que se popularizaram no fim da Idade Média, sobretudo nas cortes europeias. Elas serviam para registrar as feições de figuras importantes, principalmente da Igreja, como homenagens: um “retrato” físico feito de cera e gesso, pois não deformavam os rostos. As máscaras contra a Covid passaram a representar também uma proteção contra a morte. Qual é o rosto que as máscaras mortuárias registrariam agora, com as vítimas da Covid, sendo que, no início da pandemia, as pessoas foram enterradas sem ao menos direito a velório, tendo seus caixões lacrados, com a preocupação e o medo da sociedade de contaminação?

Por fim, qual o poder simbólico que ela, as máscaras contra a Covid, adquirirão? Elas ainda espantarão os maus espíritos? Tão importante quanto a vacina contra a Covid, que foi feita em tempo recorde, as máscaras tiveram um papel essencial na atenção à contaminação. Mesmo com o seu uso, hodiernamente, sendo facultativo, ela ficará como um símbolo de combate a uma doença que se espalhou tão rápido pelo mundo, e que matou milhares de pessoas de maneira tão ligeira. Mesmo que as máscaras contra essa doença servissem para a proteção, elas também ocultaram as expressões das pessoas, e essas expressões, por sua vez, olvidaram as nossas personas para os demais. Se muitos de nós já escondíamos as nossas máscaras sociais, revelando apenas aquilo que gostaríamos de mostrar, com as máscaras físicas, aquelas passaram a ter um segundo encobrimento.

Há quem diga que as máscaras são sempre simbólicas, como afirma a Doutora em Comunicação e Semiótica Flávia Gasi:

Falar de máscaras como símbolos soa quase como um pleonasmo: a máscara é sempre simbólica. Ela representa algo para alguém, e pode

ser lida mais corretamente por pessoas da mesma cultura. Assim, hoje em dia, quando você lê a palavra “máscara”, não deve se lembrar do carnaval (mesmo que tenha acontecido há pouco), mas da máscara que você fez ou comprou para se proteger e proteger aos outros da Covid-19. Na realidade, toda imagem funciona assim – a gente acessa em nós aquilo que está mais presente no momento, ou mais arraigado na cultura. Por vezes, essas duas coisas são apenas uma. Hoje em dia, contudo, não é o caso.¹⁸

Não esperamos que, com o uso facultativo das máscaras físicas, as máscaras sociais também sejam facultativas, pois elas sempre existiram. Facultativo talvez fosse o uso dessas máscaras sociais. Mas estas agora adoeceram, e precisam de um retorque, uma maquiagem psicológica, principalmente diante de tanto horror nos últimos tempos para continuarmos a nossa vivência e nossa interação social.

¹⁸ GASÍ, Flávia. *As máscaras são sempre simbólicas -- um histórico sobre o que revelamos*. Disponível em: <https://flaviagasi.blogosfera.uol.com.br/2020/05/02/as-mascaras-sao-sempre-simbolicas-um-historico-sobre-o-que-revelamos/?cmpid=copiaecola>